

renciadas. Ao interrelacionar o tema à expressão, o crítico italiano elimina o fator geográfico como elemento definidor do americanismo da poesia de Vallejo. Para ele, *Trilce* possui duas modalidades expressivas que alteram constantemente idênticos motivos temáticos: numa, a temática está expessada em relação ao cosmos organizado; noutra em relação ao presente caótico. Essas duas modalidades de sentimentos externam-se em duas modalidades expressivas correspondentes; uma utiliza um simbolismo claro que respeita a ordenação sintática, outra que tumultua a estrutura linguística normal, instaurando a expressão caótica. O trabalho de Paoli termina com uma entusiástica análise de *España, aparta de mí este cáliz*. Precisamente a parte traduzida por Elpidio Laguna Díaz para integrar a seleção de Julio Ortega. O extraordinário estudo temático feito por Roberto Paoli, a investigação inteligente de Noël Salomon e as análises de Juan Larrea giram sobre aspectos estudados, no geral, por todos os críticos incluídos neste conjunto e prov.m, em suas conclusões a integridade da teoria de Antenor Orrego.

Dos quatro trabalhos selecionados por Julio Ortega para formar o quarto conjunto de sua coletânea, apenas o de Walter Mignolo — “La dispersión de la palabra: Aproximaciones lingüísticas a poemas Vallejo” — se desvincula da linha crítica que se configura nos paradigmas assinalados com o intuito de estabelecer princípios ordenadores para os conjuntos. Os trabalhos de Saúl Yurkievich — “El salto por el ojo de la aguja” —, James Higgins — “Vallejo y la tradición del poeta visionario” —, e Enrique Ballón Aguirre — “La interrogante en la poética de Vallejo” — prolongam a linha da crítica temática. Pensamos que tal linha teria adquirido maior consistência para o leitor se Julio Ortega tivesse incluído neste conjunto fragmentos do último livro de André Coyné. Em todo caso, este último grupo de trabalhos selecionados deixa de manifesto que a crítica semiótico-linguística não aplicou ainda seu instrumental à poesia de Vallejo. O trabalho de Walter Mignolo é uma das primeiras tentativas.

EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL

\* \* \*

\*

DUAS EDIÇÕES CRÍTICAS DE HEINE PATENTEIAM A DIVISÃO  
ALEMÃ

HEINE, Heinrich, *Historisch-kritische Gesamtausgabe der Werke*, (ed.) Manfred Windfuhr; vol. 6: *Briefe aus Berlin/Über Polen/Reisebilder*, org. Jost Hermand, editora Hoffmann und Campe, Hamburgo, 1973, 922 p.

Por ocasião do 175º aniversário de nascimento de Heinrich Heine realizou-se na sua cidade natal, Düsseldorf, um Congresso de Germanística, em que Jost Hermand, professor de Literatura Alemã da Universidade de Wisconsin

(USA) anunciou a publicação deste volume, reunindo cinco obras em prosa de Heinrich Heine, pois, além das indicadas no título, ainda aparecem *O Atlântico Norte e Idéias. O Livro Le Grand*. Os textos, escritos entre 1822 e 1827, ocupam quase uma quarta parte do volume, contendo a parte seguinte, cuidadosamente elaborada, paralipômenos, variantes e anotações de Heine, algumas traduções francesas, assim como seus prefácios em alemão e francês. A parte mais extensa do livro, porém, (p. 361 a 895) é devotada à elaboração crítica, propriamente dita, cientificamente fundamentada em imensa quantidade de escritos contemporâneos, obras subsidiárias, teses e estudos que informam a respeito da origem da confecção e da recepção dos textos oferecidos. Mediante acesso a material até o presente desconhecido, conseguiu Jost Hermand decodificar alusões que eram ininteligíveis e resolver questões em que, até a presente data, a germanística esbarrou, sem possibilidade de as solucionar. Este é, sem dúvida nenhuma, o grande mérito desta edição crítica que, sem uma seqüência lógica na enumeração dos volumes publicados (ainda não saiu o volume 1!) já se apresenta como rico manancial para os estudiosos e pesquisadores da obra de Heine.

Ao mesmo tempo permite essa publicação algumas reflexões acerca da edição em foco e de outra que, exatamente no mesmo momento, está sendo publicada na República Democrática Alemã (Weimar) e em Paris, pelo Centro Nacional da Pesquisa Científica. Dois empreendimentos concomitantes de tal envergadura levam, evidentemente, à objeção de que, afinal, os esforços e gastos materiais, convenientemente canalizados, poderiam talvez ser mais adequadamente utilizados numa edição única, na qual colaborassem todos os especialistas, empenhados agora numa duplicação de esforços. Deve dizer-se a respeito, que a obra de Heinrich Heine é bem conhecida, dela já existindo edições críticas de certa notoriedade. De acordo com bibliografias publicadas em 1960 e 1968 existem 70 edições diversas das suas obras completas. Heine faleceu em 1856 e já em 1861 Strodttmann apresenta uma edição das obras que teve apenas de ser acrescida das *Memórias* (conhecidas a partir de 1884) para que em 1887 Ernest Elster pudesse apresentar uma excelente edição comentada. De lá a essa data são poucos os novos trabalhos descobertos, que se juntaram ao corpo da obra, alguns artigos de jornal e pequenos poemas ocasionais, não somando sequer 10% da extensão da obra conhecida em 1887. Acresce que este material foi coligido e publicado por Hans Kaufmann (autor de obra fundamental: *Heinrich Heine, Geistige Entwicklung und künstlerisches Werk*, Aufbau Verlag, Berlim e Weimar, 1970) em 1961.

As edições que as editoras Hanser e Winkler publicaram na República Federal da Alemanha basearam-se no trabalho de Kaufmann. Se agora se publicam duas novas edições, não surgirá de certo uma modificação quantitativa de vulto no conhecimento de textos de Heine. Justifica-se, pois, que perguntemos inicialmente por que tanto na RFA quanto na RDA se pensou em nova edição dessas obras?

Respondendo, poderíamos dizer que

a) aumentou consideravelmente o número de manuscritos conhecidos do Autor e, assim, a possibilidade de que haja um número bem maior de variantes;

b) os problemas de ortografia e pontuação, suscitados pelos originais, merecem ser repensados para que o leitor de hoje encontre acesso mais fácil à obra de Heine;

c) os comentários filológico-críticos às edições até agora conhecidas não são de molde a satisfazer plenamente. Heine é autor engajado, que participou, seja como jornalista, seja como crítico, dos eventos políticos e sociais do seu tempo. É necessário elucidar, portanto, em comentários, a situação ao tempo dele e comemorar a sua posição.

As respostas assim alinhadas não eliminam a questão em torno da concomitância das edições, realizadas por equipes diferentes nas duas Alemanhas. Não teria sido possível uma colaboração científica, permitindo uma edição nacional? Sabe-se que já em 1956 a editora Hoffmann & Campe, de Hamburgo, e o Arquivo Heine, de Düsseldorf, entraram em contacto com os chamados Monumentos de Pesquisa e Comemoração Nacionais, da RDA, para coordenar os trabalhos e obtiveram, de início, ressonância favorável. Entretanto suspenderam, em 1960, os representantes de Weimar a colaboração, declarando que as condições para uma edição própria eram de tal forma convenientes, que a chamada "Edição Secular" poderia ser editada ali, e de acordo com princípios editoriais inaceitáveis na República Federal. Dois anos mais tarde o Arquivo Heine se decidia pelo mesmo empreendimento, afirmando que podia estribar-se na existência de cerca de três mil páginas de manuscritos ali existentes, assim como na correspondência de Heine (120 cartas) e ao poeta (800 cartas). Dispunha ainda de uma biblioteca especializada, reunindo todo o acervo da biblioteca de Heine e de livros escritos sobre sua obra no mundo inteiro.

Com o início das duas edições, surgiram as programações, de acordo com as quais a "Edição Secular" deverá compor-se de aproximadamente 50 volumes, dos quais doze contendo as obras em alemão, sete as obras em francês, oito volumes com a correspondência, dois de documentos históricos, um registro geral e, finalmente, vinte volumes com os comentários críticos. A edição de Düsseldorf, por seu lado, apresentará quinze ou dezesseis volumes, que entretanto apresentarão a mesma quantidade de obras e escritos diversos, eliminando apenas a correspondência. Aliás, as oitocentas cartas a Heine, ainda inéditas, foram oferecidas à instituição de Weimar.

Uma das diferenças fundamentais entre as duas edições reside no fato de a edição de Düsseldorf diluir convenientemente em seu bojo aquilo que a RDA chama de "obras em francês", dando a impressão de tratar-se de trabalhos independentes e bem distintos dos de língua alemã. Entretanto todas as obras foram inicialmente concebidas em alemão tendo sido traduzidas para o francês, e nem sempre com a colaboração expressa do Autor. Além disso todas foram publicadas em alemão, ou ao mesmo tempo, ou mesmo antes da edição fran-

cesa, e apenas em poucos casos a edição alemã surgiu pouco depois. Mas também isto nada prova, já que, por exemplo, a obra fundamental de Wolfgang Kayser, *Das sprachliche Kunstwerk*, foi publicada em português antes que saísse a lume o original alemão. É verdade que existem alterações ocasionais, a distinguir o texto alemão do francês, tomando em consideração o público leitor distinto, mas não se pode falar de modo nenhum em “obras diferentes”

O confronto crítico entre as duas edições será possível apenas quando as duas tiverem sido lançadas por completo, mas é evidente que um critério fundamental para a avaliação de edição histórico-crítica tem de ser a medida em que corresponde às exigências atuais da pesquisa. Ela visa a oferecer os textos, correspondentes à vontade do seu Autor, e não simplesmente a reimprimir as edições autorizadas desses textos. Para isso é necessário cotejar todos os manuscritos e todas as edições autorizadas, sendo as variantes oferecidas ao público leitor. Dentro dessa aceção, a edição de Düsseldorf está a oferecer o mais extenso agrupamento possível de variantes e paralipômenos, no intuito de colaborar para a interpretação mais fiel do pensamento do Autor. A edição de Weimar procede de outra maneira. Numa entrevista (publicada em *Neue Zeit*, 13 de março de 1971) o diretor científico, Prof. Karl Heinz Hahn, confronta seus propósitos editoriais com os da “ciência burguesa”, pois se propõe a trabalhar de acordo com “idéias e fundamentos marxistas”. E diz textualmente: “Enquanto é propósito fundamental da edótica burguesa construir, partindo de esboços do Autor, o aparente desenvolvimento do texto, que jamais corresponde integralmente ao texto real, i.e. ao desenvolvimento histórico desse texto, a Edição de Weimar considera obrigação sua dar a informação do que é essencial nos escritos de Heine, casualmente chegados até nós — casualmente, porque nem tudo o que Heine pensava foi posto no papel, e nem tudo aquilo que escreveu, chegou até nós. Como realmente essenciais para a compreensão dos textos de Heine emergem todas aquelas partes da documentação escrita, que não encontraram no texto definitivo sua correspondência conteudística ou — em se tratando de obra poética — formal, além de observações que podem contribuir para explicar o texto definitivo” O que significa “essencial”, quando se trata da compreensão de textos? Aquilo que assim parece ao professor Hahn hoje, ou ao seu grupo? E o que será considerado ainda em futuro próximo? Ou significa isto acenar com a necessidade de se fazerem progressivamente edições histórico-críticas novas? Não será mais científico coligir todo o material conhecido, a fim de oferecê-lo ao pesquisador consciencioso, que vai decidir sob e o que será útil ao seu trabalho? Publicar-se apenas aquilo que alguém, por mais capaz, ou um grupo, por mais informado, julgue essencial, corresponde a impingir uma orientação às pesquisas futuras. Eis a objeção fundamental a esse método. Outra refere-se à seleção conteudística, pois Heine tornou-se célebre não pelo que dizia (embora em muitas ocasiões fosse realmente um precursor progressista), mas pela maneira

singular de sua expressão. A sua obra ressalta exatamente pelos traços formais individualíssimos, que lhe garantem ainda hoje grande popularidade. Eis as observações que a nosso ver justificam o empreendimento de Düsseldorf e, aliás, características relevantes, no volume orientado por Jost Hermand.

ERWIN THEODOR

\* \* \*

\*

ANESAKI, Masaharu

*Art, life and nature in Japan* with an Introduction to the new edition by Terence Barrow, Ph. D., Charles E. Tuttle Company, Rutland, Vermont and Tokyo, Japan, 1973. 178. p., 43 ilustrações.

Em 1868 dá-se no Japão a Restauração Meiji. Termina assim um longo período de dois séculos e meio em que o país tinha vivido em isolamento rigoroso do resto do mundo. O interesse dos intelectuais japoneses da época pelo ocidente é vivo, assim como o dos ocidentais pelo Japão, considerado o país mais impenetrável do extremo Oriente. Surge, então, uma plêiade de estudiosos, orientais e ocidentais, que concentram seus esforços para, não só penetrar nos mistérios de um mundo, novo para si, mas também revelar os aspectos mais peculiares de suas próprias culturas, para uma maior compreensão recíproca.

Masaharu Anesaki pertence à segunda geração de intelectuais que tiveram a liberdade de viajar fora de seu país em busca do conhecimento do mundo ocidental. Nascido em Kyoto em 1873, Masaharu Anesaki diplomou-se em literatura na Universidade de Tóquio, viajando em seguida pela Europa e pela Índia. Mais tarde, quando já professor na mesma Universidade, atravessou várias vezes os oceanos, durante os primeiros trinta anos do século, para entrar em contato com o mundo intelectual europeu e norte-americano, que revelaram um grande interesse pelos estudos japoneses. Lecionou em Tóquio, pesquisando sobre religião japonesa (veja-se seu *History of Japanese Religion* publicado pela Charles E. Tuttle Company) Vive o suficiente para assistir aos terríveis acontecimentos da guerra do Pacífico, mas também, como justamente diz Terence Barrow, na introdução do livro, conseguiu presenciar o “revival among the Japanese people of interest in Japanese art and traditions, as well as a tremendous response from the West” (XV). Como outros estudiosos orientais, que empreenderam a tarefa, de certo não fácil, de penetrar na essência da civilização ocidental, tão diferente da própria, Anesaki percebeu (tendo em vista o vivo interesse dos ocidentais da época pelo extremo oriente e, em particular pelo Japão) que poderia dar, assim como receber. Com Kakuzo Okakura, que deu ao ocidente livros esclarecedores sobre a essência da cultura japonesa, tais como *Ideals of the East* e *The Book of Tea*, assim Ane-